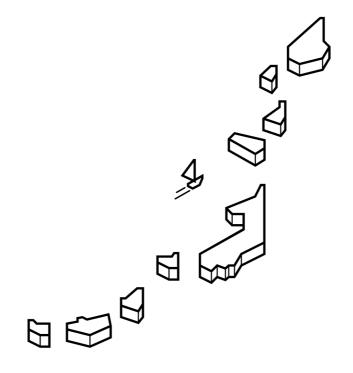
RYŪKYŪ



Editora Penalux Guaratinguetá, 2017

-SETÚBAL-



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br www.editorapenalux.com.br

> EDIÇÃO França & Gorj

REVISÃO Ricardo Sanovick

> CAPA Peu Dourado

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S495R

SETÚBAL, Luciana Iser. -Ryukyu / Luciana Iser Setúbal. -Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

152 P.: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-252-1

1. Romance I. Título

CDD.: B869.93

Índices para catálogo sistemático: 1. Literatura infantojuvenil

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Sabelle

"Tem alguém querendo falar com a senhora", disse a empregada parecendo se livrar da tarefa de comunicar uma notícia desagradável, a verdade brincando de esconde-esconde no rosto, não, no rosto não, que o esconderijo da verdade não se situa nos lábios nem no tremular peso-pena das narinas, mas no humor âmbar das sobrance-lhas, no movimento em tons pastéis das órbitas oculares.

Sabelle ajustou o robe, a seda creme sinuosa arrepiando sua curiosidade, e percorreu o denso corredor pregado de retratos, a luz fosca revelando aqui e acolá vislumbres de sentimentos empalhados, a farsa em família emoldurada em diversos tamanhos – Álix o centro das atenções antes mesmo de nascer, Sabelle nada confortável na fantasia de baleia. Depois Ico e Álix pequenos, Ico protegido pelo urso de pelúcia que jamais largava, Álix de mãos na cintura, as pernas estendidas abraçando a pequena bicicleta, rostos isentos de alegria, fixando a câmera como um confessionário - a verdade sempre encontra as

crianças, não é? - então Dona Yolanda e Lapo abraçados, o olhar dela fabricando a bolha com que Lapo se acostumara a adentrar a vida inteira, posse, amor e egoísmo misturados em doses desproporcionais. Ela e Lapo na moldura vermelha, a última viagem juntos, dois meses antes da vida exigir mudanças, a Eiffel ao fundo, 15 dias em Paris seriam Renew para qualquer amor. A imagem fez Sabelle interromper o deslizar microinsignificâncias de segundo, os olhos relembrando o passeio pela Rue Vignon, a parada na Pierre Oteiza - era ali que o mundo basco açoitava os sentidos e inundava as narinas de presuntos e cassoulets - a rápida visita na La Cerise sur le Chapeau, onde Lapo adentrara e saíra em instantes, a saída acompanhada de dois chapéus, um panamá, outro em couro de lebre com fita vermelha enfiado na cabeça, os restaurantes do Champs Elysées, o show no Lido, a noite na Brasserie Vaudeville, o primeiro lugar que descobriram numa Paris esfuziante, como se nele pudessem se contaminar pelo o que já haviam sentido um pelo outro, tudo ali ainda impregnando as paredes e, iguais aos cães que se espojam no chão para se contaminar com os cheiros do mundo, bastaria se esfregar nelas para o amor ganhar fôlego e emergir ao que era. "Dois estúpidos", o pensamento acompanhou as microinsignificâncias de segundo que fizeram a viagem a Paris voltar à vida, e então ela retomou a jornada até o homem que a aguardava.

A voz trazia fúria amanteigada, e à Sabelle o momento pareceu deslocado no tempo, aquele timbre não pertencia ao calendário atual, mas sim ao de dois anos atrás, coberto de ilustrações em estilo oriental, as folhas de outubro, novembro e dezembro inutilizadas pela morte do marido, reduzidas a fragmentos por uma Sabelle transtornada, os olhos minúsculas boias à deriva, molhadas pela desgraça: Lapo deixara de existir.

Voltar ao presente fez sua mão esbarrar no aparador, o copo de cristal rolando pelo ar e cambalhotando no cimento queimado, o estilhaçar sufocando as ordens de treinador de rugby - Como assim, não há tempo? - o celular encontrando o bolso acompanhado de um "ligo depois", e de repente era Lapo de novo à sua frente, de volta ao futuro numa máquina do tempo, no caminho o GPS do equipamento localizando o caminho perdido da fonte da juventude. "Calma, eu pego os cacos", era uma ordem o que Lapo rejuvenescido dava, e o som da estupefação chegou à boca de Sabelle, o nome do marido falecido surgindo em sussurrados decibéis, como se a pronúncia com a energia de quem grita fosse mandinga que faz o amor desaparecer.

- Você é a Sabelle? Sou Aran. Eu avisei que viria, lembra, faz alguns dias... Trocamos e-mails, eu queria conhecer vocês.

Sim, agora a máquina parecia ajustada, o mecanismo funcionando de forma precisa, nenhuma peça faltando, ruído sobrando, Aran, o filho do primeiro casamento

de Lapo, da relação com Lena, aquela "atriz promíscua", era assim a forma com que Dona Yolanda se referia à primeira nora, indiretas sopradas para Sabelle, a velha adivinhando memórias que ela fazia questão de manter falecidas.

Lembrou os três e-mails curtos, o primeiro recebido cerca de meio ano após a morte de Lapo, a mensagem despida de palavras sentimentalistas, nenhum "sofro por não ter convivido com meu pai, e agora isso" ou "eu deveria ter me aproximado de vocês mais cedo", nada, apenas algo como "Olá, Sabelle. Sou filho de Lapo, sei o que ocorreu, gostaria de conhecer meus dois irmãos e minha avó. Entendo se você não quiser". Nenhuma referência a conhecer sua dor, que isso se reserva para os íntimos, e ela era apenas uma estranha, dessas que se cruza pela rua e a única coisa que se pensa quando a fulana calcula mal a distância e é colhida por uma motocicleta se resume a coitada- quem-seria?-graças-a-Deus-não-fui-eu.

Crise de desistência. É assim que denomino aqueles últimos cinco segundos antes de uma situação-limite: ir em frente ou abandonar os planos? Deparar com Sabelle foi a cura, finalmente estou diante dela, causadora de tudo. Junto os cacos, preservo o cuidado de me cortar em um deles, o momento clichê surgindo em seguida: ela agarra a ponta do robe para estancar meu sangue, e

quando ele para de fluir, sobra em mim algo que não consigo identificar no momento. No futuro tudo ficaria claro. Causa e cura, tudo muito próximo.

Sobra na memória o momento exato em que a vida dá guinada em direção contrária, e se estivesse consciente do que acontecia Sabelle definiria o choque elétrico que sua mão produziu ao encostar-se em Aran como um deles. Os dedos hesitaram milésimos de segundo, mas era preciso seguir em frente, conspurcar a seda creme com a densidade ocre do líquido para o ferimento parar de sangrar. Enquanto fazia isso foi difícil não comparar ossatura, tendões, pelos, o formato quadrado da mão de Lapo vagamente repassado à mão argilosa do filho, ranhuras resseguidas ao redor das unhas, cutículas terracota arrancadas descuidadamente. Imaginar aqueles dedos insinuando-se em outra pele que não a dela fez surgir ciúme-poça, dessas que não chega a molhar quando, descuidado, o pé invade seus limites, mas que produz respingos, o tom de água leitoso só revelado na alvura, tênis, meia, calça brancos, e agora restava ela manchada, minúsculos pingos ciumentos fazendo raiz, algum local do cérebro buscando motivo para exigir o que não era seu de direito, jamais podia ser.

Dar-se conta disso produziu som inaudível em sua boca. O desespero agarrou-se ao absurdo de única justificativa, Aran cabendo a ela como espécie de herança, Lapo-vidente enxergando no filho-criança um patrimônio, "irá-me-substituir-em-minha-morte-assumir-família-esposa-trabalho", pensamentos pseudoformulados enquanto o então advogado mal entrava nos 20 anos e melancolicamente embalava o berço, ao menino de cinco meses que dormia cabendo a missão de fazer Sabelle feliz em um futuro bem distante. Ela riu alto com a situação imaginária, o ato produzindo testemunha, Aran fixado em seus olhos.

- O que houve? Primeiro, surpresa, agora alegria por me ver?

O riso aguou, sorriso suspenso, desses que aguardam a reação do outro para se definir. Sabelle conhecia a sensação, era nela que submergiam as memórias da infância, agradar a mãe sempre tarefa inexata, tá pedindo surra mesmo, onde se viu deixar essa louça na pia, ah, que maravilha, minha filhinha deixou essa panela brilhando, tá brincando comigo, isso é jeito de lavar esses pratos, imundos igual sua cara, cada momento gerando resposta desconhecida, jogo de cartas em que o destino determinava resultado diferente a cada rodada. Como era fácil, no mundo que era apenas ela e a mãe, ser surpreendida com pílulas de desamor, maldito-do-seu-pai-que-sumiu-e-me-deixou-você, botei-minha-vi-da-fora-cuidando-de-nós-duas, onde-estava-com-a-cabeça-

-quando-confiei-nele-e- engravidei, as frases acumuladas na rotina, pó de séculos incrustando o ouvido.

Abandonar a mão de Aran foi tarefa fácil, abrir mão era trilha sonora de sua vida, e despir-se de autoestima era para ela uma profissão, dançarina abandonando cada peça durante a coreografia requentada por dezenas de sessões, stripe-tease iniciado pontualmente às 15h, 18h e 21h. E, quando o movimento de erguer-se fez o robe entreabrir, um seio periscópio encontrando o olhar dele, cortina do palco revelando um dos integrantes da trupe cênica, à Sabelle pareceu que o destino escolhia por ela o que fazer.

Tão natural... Quanta maestria existia ali? Primeiro a fingida desatenção. Humpf. Dois emails comunicavam dia e hora em que eu chegaria à casa, e o robe provavelmente não constava no figurino de todos os dias. Depois o grand final: tetas graúdas buscando impressionar, rubor e mãos apressadas no decote encerrando o ato. Coitada, se soubesse a Via Láctea de seios que eu havia percorrido até dois anos atrás, a profusão de formas e tamanhos, mamilos escuros, rosas, roxos, peles amarelas, tostadas, negras, ou azuladas de tão brancas, veias blue correndo no subterrâneo dos meus dedos. Mas indivíduos de cromossomos XY têm como característica agir por instinto, e é com discreto prazer que sinto meu pau alcançar vida própria e tentar arrombar a calça.



www.editorapenalux.com.br



